

Premiado no mundo todo e cada vez mais presente na paisagem de São Paulo, nem assim Isay Weinfeld se considera um arquiteto

ISAY WEINFELD
na entrada da Disco,
clube noturno que
ele desenhou em 2000
e reformou em 2006

Organizador do caos

TEXTO JEANNE CALLEGARI
FOTOS CLAUS LEHMANN

NA NOITE DE INAUGURAÇÃO DO CLUBE DISCO, NO ITAIM, quem entrava passava por um túnel escuro até dar de cara com um colorido painel dos designers irmãos Campana, demarcando o início da balada. A inspiração arquitetônica foi "Motion Picture Soundtrack", estranha canção do grupo inglês Radiohead. "A música começa sombria e depois explode em cores", diz Isay Weinfeld, tentando explicar por que não se considera exatamente um arquiteto. "A arquitetura é só um dos meus interesses, e nem é o principal. Música e cinema são as formas de arte que mais me emocionam."

Para a "desolação" deste paulistano de 56 anos, ele acaba de ser premiado no World Architecture Festival, em Barcelona, no Spark! Award de San Francisco (Estados Unidos) e, em breve, terá croquis de seus trabalhos incluídos no acervo do Victoria & Albert Museum, de Londres, o mais conceituado museu de design do planeta. Parece que, por muito tempo e para muita gente, Isay Weinfeld será reconhecido como um grande arquiteto. Mesmo que nos confidencie que suas grandes influências são os Beatles (a escada amarela da Livraria da Vila do Shopping Cidade Jardim foi inspirada em *Yellow Submarine*) e a cantora norte-americana Blossom Dearie. ▶



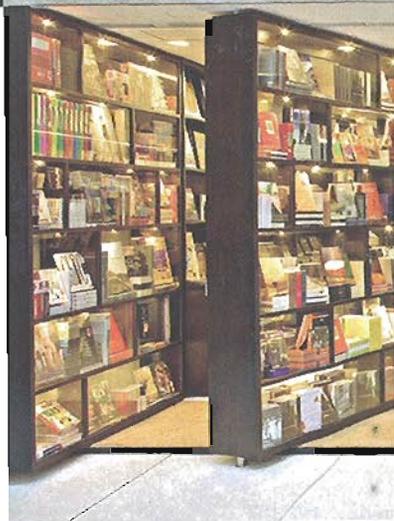
O ARQUITETO no jardim de seu escritório, instalado em um sobrado no bairro do Itaim

FILHO DE UMA DONA DE CASA e de um imigrante polonês que veio para o Brasil fugindo da Segunda Guerra para tocar uma indústria têxtil no Bom Retiro, Isay não sabe dizer de onde surgiu essa sua tendência para as artes. Não se recorda de empilhar bloquinhos quando criança e diz que nunca foi de desenhar. “Até hoje não desenho”, diz. “Quando eu era professor universitário, no Mackenzie e na Faap, tentava desmitificar essa idéia de que seriam melhores arquitetos no futuro os alunos que tivessem o melhor traço.”

Na adolescência, descobriu Londres, cidade pela qual se apaixonou. Voltava de lá sempre com roupas esquisitas ou o cabelo comprido pintado de vermelho. Os pais, que o buscavam no aeroporto, levavam um susto. Aos 14 anos, apaixonou-se pelo cinema do sueco Ingmar Bergman. Esse interesse foi responsável pela aproximação com um de seus melhores amigos, Marcio Kogan. Na época, ambos estudavam para entrar na faculdade de arquitetura do Mackenzie. Tinham idéias parecidas e logo começaram a fazer projetos juntos. Primeiro, instalações de arte conceitual. Depois, curtas em Super 8 – chegaram a produzir 13. “Nossos primeiros filmes eram muito bergmanianos”, diz Kogan. “Tão cheios de símbolos que nem a gente entendia”, afirma Isay, sorrindo.

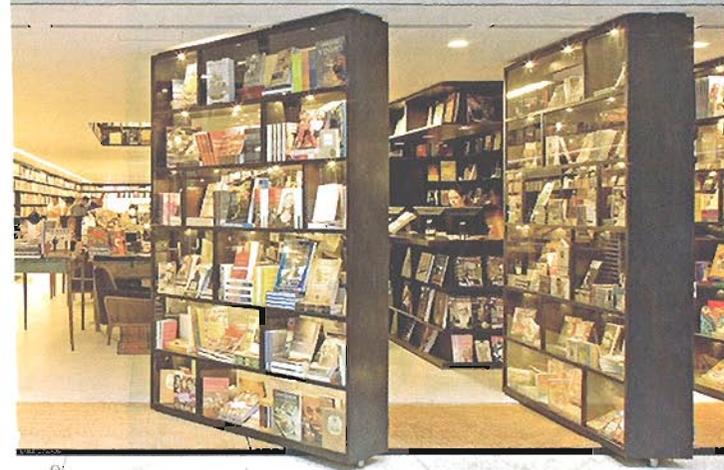
Premiados nos festivais independentes, resolveram partir para projetos maiores. Fizeram um curta em 35 mm, *Idos com o Vento*, e um longa, *Fogo e Paixão*, com Cristina Mutarelli, Carlos Moreno e Mira Haar no elenco. No ano que vem, essas duas obras devem ser lançadas em DVD. Quando chegaram aos cinemas, no final dos anos 80, essas produções foram bem recebidas pela crítica, mas, àquela altura, as respectivas carreiras na arquitetura já haviam decolado. Tanto Isay quanto Marcio acabaram se distanciando do cinema. “Gostaria de voltar a filmar um dia. No fundo, considero que o trabalho do diretor, do arquiteto e do regente de orquestras é igual: eles organizam o caos e o transformam em uma coisa bonita”, diz Weinfeld.

Das três carreiras que cita como iguais em essência, Isay guarda uma frustração: não ter se tornado regente. Ex-estudante de violino, atravessa oceanos para assistir a concertos de seus ídolos. Por intermédio de um cliente londrino, conheceu Ed O'Brien, guitarrista do Radiohead. Hoje são amigos, passam temporadas na casa um do outro, viajam juntos. Normalmente contido, Isay emociona-se ao lembrar de quando foi a Londres para ouvir, em primeira mão, o álbum *In Rainbows*, em 2007. “Hoje, aos 56 anos, acho sensacional poder me proporcionar um luxo desses: voar até a Europa ou os EUA para ver um show e voltar logo em seguida.”



A LIVRARIA DA VILA (no alto), a Casa Fasano (acima) e o aparador desenvolvido para a Etel (abaixo) são algumas das premiadas criações do eclético Isay Weinfeld. Ele também dirige filmes e projeta casas, prédios, cenários para peças teatrais e shows de música





ESTE MÊS, A EDITORA BEI LANÇA aqui em São Paulo um livro sobre as residências projetadas por Isay Weinfeld. Com texto assinado pelo arquiteto americano Raul Barreneche, que também é jornalista e colaborador do jornal *The New York Times*, a requintada edição bilingüe traz mais de 200 imagens de projetos executados na capital paulista, em Brasília e em outras cidades. “Os projetos de Isay capturam com brilho os muitos interesses, habilidades e talentos de um moderno homem do Renascimento, que, como Vitruvius, leva a sério os preceitos de solidez, funcionalidade e, sobretudo, beleza”, escreve Barreneche.

Autor de *Isay Weinfeld* (Ed. Viana & Mosley), outro livro sobre sua obra, o jornalista e crítico cultural Daniel Piza acredita que os elementos que ele traz de outras artes enriquecem a sua produção arquitetônica. “O que define seu trabalho é a experiência”, diz Piza. “Você entra em uma construção dele e ele o surpreende, você logo sente alguma coisa.”

Um dos motivos que levaram o brasileiro a ser convidado para integrar o acervo do Victoria & Albert Museum, o principal museu de design do planeta, foi justamente essa sua capacidade de trazer para a arquitetura elementos de outras artes e da cultura pop. Assim, seu trabalho se distancia do modernismo de nomes como Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha e Lina Bo Bardi, que também terão croquis expostos no V&A. Como seu trabalho não se alinha com a escola desses mestres, Isay costuma ser alvo de críticas de arquitetos adeptos desse movimento. Dizem que ele não faz uma arquitetura social, marcada pelo pensamento de esquerda, e que seu trabalho não tem rigor teórico. Ele afirma não se preocupar com as críticas. “Não perco meus cabelos por isso, até porque não tenho cabelos”, diz. “Para mim, o importante é criar ambientes agradáveis para meus clientes, de acordo com as necessidades de cada um. A casa de um advogado não pode ser igual à de um cineasta.”

Porque cuida de todos os detalhes, dos exteriores às maçanetas, há quem o chame, depreciativamente, de “decorador”, assim como o chamam de “cenógrafo” porque faz cenários para shows e peças de teatro, como os de *A Cabra ou Quem É Sylvia?*, atualmente em cartaz no Teatro

Vivo. Isay diz não se importar com esses rótulos. Assim como diz que não é arquiteto, não se considera decorador. “Nada que uso em meus projetos é um mero enfeite. Cada cor, forma e objeto tem sua razão de ser”, diz ele.

Isay já foi premiado também pelos móveis que desenhou. “Gosto da arquitetura silenciosa, que não grita.”

“Gostaria de um dia voltar a dirigir filmes”





EM IPORANGA, no Guarujá, Isay projetou uma residência que se abre para a praia; para o Edifício 360° (abaixo), ele desenhou casas empilhadas

Nada dos prédios-esculturas como os do canadense Frank Gehry. Seus ídolos são Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa, japoneses que surpreendem com delicadeza, não com estrondo. É com suavidade, também, que ele dá sua contribuição a São Paulo. Não fez obras grandiosas, como museus, catedrais ou estádios. Entre seus trabalhos mais conhecidos na cidade estão o Hotel Fasano, a galeria Luiza Strina, as filiais da Livraria da Vila nos Jardins e no Shopping Cidade Jardim e as lojas da Forum e da Clube Chocolate na Oscar Freire. Isay também projetou inúmeras residências e edifícios comerciais. Em breve, uma torre residencial com sua assinatura será erguida no espigão da Avenida Cerro Corá, no Alto da Lapa, com impressionantes 360° de visão da metrópole, desde o Pico do Jaraguá ao Palácio dos Bandeirantes.

Şobre a cidade, a propósito, Isay não tem meias-palavras. "São Paulo é um horror que deu certo." Mais que da estética da cidade, ele se alimenta da energia que vem dela e de seus habitantes. Inspirado nisso, já fez mais de uma exposição de objetos e projetos urbanísticos surreais que ironizam e criticam a neurose do paulistano em relação ao trânsito e à segurança. "Os incorporadores daqui só pensam no dinheiro, nunca em deixar algo para a cidade para as próximas gerações. E aí ficamos com esses prédios horrorosos, neoclássicos. Nada contra ganhar dinheiro, mas acho que daria para eles fazerem um trabalho bem melhor e lucrar ao mesmo tempo...", afirma.

"Acredito numa arquitetura simples e direta, com um conceito, uma idéia bem clara. Sem um bom conceito, não há projeto, não há obra", diz. Isay prefere a idéia que

"SP é um horror que deu certo"

se comunica por si só. "Se um projeto meu precisar de um livro para explicar do que se trata, então vou considerar que minha arquitetura falhou."

Divorciado e avesso a badalações, Isay gosta de ficar em casa lendo ou cozinhando refeições simples só para ele e para a filha de 27 anos, a atriz Paula Weinfeld, seu xodó.

"Já assisti várias e várias vezes a seus espetáculos e até criei cenários para alguns deles", diz o pai coruja. Nas manhãs de sábado, o arquiteto costuma visitar antiquários para garimpar móveis que pode comprar para si ou utilizar em algum projeto. "Quando completei 56 anos, há poucos meses, decidi que nunca mais vou trabalhar nos fins de semana. Mas desses passeios eu não pretendo abrir mão. É trabalho, mas sinto muito prazer nisso. Não faz sentido pagar uma pessoa para sentir prazer no meu lugar", afirma.

Sorte dos clientes, que continuarão a ter o olhar privilegiado de Isay escolhendo os detalhes que vão fazer a diferença para eles. **SP**

